

Apresentação

Educação Bi/Multilíngue: complexidades e práticas

Michele Salles El Kadri
Antonieta Megale
Luciana C. de Oliveira

É com grande satisfação que apresentamos o dossiê temático Educação Bi/Multilíngue: Complexidades e Práticas, da Revista Signum: Estudos da Linguagem. Este número especial nasce do esforço de reunir pesquisas, experiências e reflexões comprometidas com uma visão crítica, inclusiva e transformadora da educação bi/multilíngue. Ao longo da chamada pública, buscamos contribuições que ampliassem os debates teóricos, documentassem práticas insurgentes e desafiassem modelos linguísticos e educacionais hegemônicos.

Compreendemos a educação bi/multilíngue como um campo em disputa, atravessado por tensões entre discursos monolíngues normativos e práticas contra-hegemônicas que buscam legitimar sujeitos, modos de falar e repertórios historicamente silenciados ou desvalorizados pelas políticas linguísticas coloniais e pelas dinâmicas de poder que organizam o espaço escolar. Nessa direção, reconhecemos que sujeitos bilíngues não operam com dois sistemas linguísticos isolados, mas mobilizam um repertório integrado e situado, composto por múltiplos recursos semióticos que fazem sentido em contextos específicos de interação (Otheguy et al., 2015, 2019). Tal perspectiva exige o rompimento com visões hierárquicas e coloniais da linguagem que, historicamente, invisibilizaram formas de expressão consideradas ‘inferiores’ e reduziram a diversidade cultural e linguística a um problema a ser corrigido (García et al., 2021).

No contexto brasileiro, marcado por profundas desigualdades sociais, raciais e linguísticas, é preciso pensar a educação bilíngue como prática de justiça e como possibilidade concreta de subversão das normas que historicamente regulam quem pode falar, o que pode ser dito e em que língua. No Brasil, a lógica do mercado tem avançado de forma predatória sobre as escolas privadas e públicas, transformando a rotulagem bilíngue em um diferencial competitivo que promete agregar valor ao comportamento e ao desempenho dos estudantes — um valor agregado comportamental e um excedente de performance atribuído à aprendizagem do inglês desde a infância (Megale, 2024).

Frente a esse contexto, este dossiê busca contribuir para o fortalecimento de propostas em educação bilíngue que se alinhem a princípios de justiça social, reconhecimento da diversidade linguística e formação crítica de estudantes, em vez de reproduzir modelos centrados na lógica do mercado, voltados à performance e ao capital simbólico associado a determinadas línguas. Entendemos que a função da educação bi/multilíngue vai muito além do ensino instrumental de uma língua adicional; trata-se de promover aprendizagens que

possibilitem novos modos de engajamento e participação em um mundo cada vez mais interconectado e plural (Megale; El Kadri, 2023). Como já discutido por Megale (2024), embora o desenvolvimento de práticas linguísticas complexas seja central, a educação bi/multilíngue deve também confrontar os estudantes com outras narrativas e discursos, abrindo espaço para a construção de subjetividades menos coloniais e para a emergência de novas formas de agir no mundo.

Os trabalhos que compõem este dossiê dialogam com essa visão, ao proporem alternativas às lógicas coloniais e excludentes que ainda predominam em muitos contextos educacionais, ao mesmo tempo em que valorizam os repertórios e saberes situados dos sujeitos e rompem com a centralidade do modelo de “falante nativo” como referência legítima para o ensino e a aprendizagem de línguas. O conjunto de artigos aqui publicados evidencia a diversidade de temas, abordagens e contextos que compõem o campo. A seguir, apresentamos brevemente cada uma das contribuições.

O artigo “Ted around the world in sounds: uma proposta de plataforma digital para alfabetização bilíngue”, de Marion Costa Cruz, Ubiratã Kickhöfel Alves e Débora Nichele Rosa, apresenta uma proposta de plataforma digital gamificada voltada ao desenvolvimento da consciência fonológica em inglês de estudantes brasileiros em contextos de escolarização bilíngue. A ferramenta alia tecnologia, ludicidade e atenção à realidade linguística dos aprendizes, oferecendo contribuições para o campo da alfabetização bilíngue.

Na mesma temática, o artigo “Consciência fonológica e conhecimento de vocabulário em inglês como língua adicional em crianças inseridas num contexto de escolarização bilíngue”, de Ingrid Finger e Aline Mara Agostini Richetti, investiga a relação entre vocabulário e consciência fonológica em crianças em processo de alfabetização bilíngue. Os resultados destacam a importância da exposição qualificada à língua adicional desde a Educação Infantil, contribuindo para o avanço do letramento em contextos bilíngues.

Em outro eixo, Karina Aires Reinlein Fernandes analisa, no artigo “O Programa Global Classes como Prática de Internacionalização no Ensino Superior”, a percepção da equipe administrativa sobre as Global Classes da PUCPR. O estudo reforça o papel da internacionalização em casa como estratégia relevante para políticas linguísticas institucionais e revela o engajamento dos diferentes atores envolvidos.

No artigo “Algoritmos na cidade: o pensamento computacional na perspectiva do bilinguismo e da Educação OnLIFE”, Janaina Menezes e Eliane Schlemmer articulam bilinguismo, pensamento computacional e a abordagem OnLIFE em uma prática pedagógica que problematiza formas de conhecer e produzir conhecimento relacionado ao desenvolvimento do pensamento computacional na cidade. A proposta, fundamentada em epistemologias conectivas e no método cartográfico, amplia o debate sobre currículos interdisciplinares e formação docente no contexto digital e bilíngue.

A discussão sobre translanguagem ganha destaque no texto “Translanguaging as a Powerful Perspective for Addressing Diversity in Bi/Multilingual Contexts”, de Marisol Lage e Susan

Clemesha, que apresentam práticas pedagógicas baseadas na translinguagem como recurso para valorizar a diversidade linguística dos estudantes. A pesquisa descrita evidencia como essa abordagem pode promover ambientes mais inclusivos e participativos.

A perspectiva da avaliação é tematizada no artigo “Equidade Linguística: reflexões sobre a avaliação de estudantes bilíngues”, de Antonieta Megale e Maria Teresa de la Torre Aranda. As autoras discutem os desafios da avaliação de estudantes bi/multilíngues e propõem estratégias que reconheçam os repertórios linguísticos dos aprendizes, articulando princípios de justiça, translinguagem e letramento em avaliação.

A formação docente é o foco do artigo “Formação continuada no contexto bi/multilíngue: uma discussão a partir do ‘nada’”, de Luana Francine Mayer e Claudia Rocha. Com base em uma perspectiva autoetnográfica, o texto analisa contradições no discurso de uma formadora em contexto de programa bilíngue e identifica pistas de resistência que tensionam visões monolíngues e mercadológicas da língua.

O artigo “Do novato ao experiente”: narrativas identitárias de professores e o papel das escolas como comunidades de prática na formação de professores para contextos bi/multilíngues”, de Michele El Kadri, Atef El Kadri, Pedro Santana e Gabrieli Rombaldi, discute a construção identitária de professores em escolas bilíngues, com base em narrativas de participantes de um curso de formação. A análise mostra como as escolas funcionam como comunidades de prática que impactam significativamente a constituição de identidades docentes.

Por fim, “Retrato linguístico como processo no desenvolvimento da oralidade em ILA em contexto bi/multi/plurilíngue na escola pública”, de Eduardo Schiller e Cyntia Bailer, propõe o retrato linguístico como prática pedagógica para o fortalecimento da oralidade em inglês como língua adicional, em uma escola pública. A proposta evidencia o vínculo entre repertórios linguísticos, identidade e confiança comunicativa dos alunos.

O dossiê que ora apresentamos espelha a complexidade e a riqueza dos debates que atravessam a educação bi/multilíngue no Brasil e no mundo. Ao reunir estudos de diferentes vertentes que desafiam discursos monoglossicamente orientados, reconhecem a complexidade da formação docente, acolhem práticas translíngues e valorizam experiências situadas, este dossiê busca ampliar os horizontes teóricos, metodológicos e políticos da educação bi/multilíngue.

Agradecemos às autoras e aos autores pela qualidade dos trabalhos submetidos e à equipe editorial da Revista Signum pelo cuidado e profissionalismo em todas as etapas do processo editorial. Desejamos que este número inspire novas pesquisas, práticas e políticas comprometidas com a pluralidade linguística, a valorização das diferenças e a construção de uma educação mais justa e humanizadora.

Referências

GARCÍA, O.; FLORES, N.; SELTZER, K.; WEI, L.; OTHEGUY, R.; ROSA, J. Rejecting abyssal thinking in the language and education of racialized bilinguals: a manifesto. *Critical Inquiry in Language Studies*, 2021.

MEGALE, A.; EL KADRI, M. S. Escola bilíngue: (trans)formando saberes na educação de professores. São Paulo: Santillana, 2023.

MEGALE, A. *Bilingual education in Brazil: navigating global and local dynamics*. São Paulo: Macmillan Education do Brasil, 2024.

OTHEGUY, R.; GARCÍA, O.; REID, W. Clarifying translanguaging and deconstructing named languages: a perspective from linguistics. *Applied Linguistics Review*, v. 6, n. 3, p. 281–307, 2015.

OTHEGUY, R.; GARCÍA, O.; REID, W. A translanguaging view of the linguistic system of bilinguals. *Applied Linguistics Review*, v. 10, n. 4, p. 625–651, 2019.